

O cotidiano como disparador de processos de criação e ação artísticas: Chá de Arte

Lúcia Jacinta da Silva Backes – UERGS-Montenegro/RS; Universidade Feevale/RS
Tatiane dos Passos de Oliveira – EMEF Ana Beatriz Lemos-Montenegro/RS

Resumo: Relato de uma experiência sobre a arte imbricada com a vida na perspectiva de Joseph Beuys e Kurt Schwitters a partir de uma discussão de Tessler (1996). O objeto da descrição do relato de experiência é o *Projeto Chá de Arte* que se caracteriza como espaço em que se propõem temáticas que abrangem diferenças de gênero, étnico-raciais, religiosas, sociais e culturais que falam do cotidiano por meio das linguagens musical e artística visual. O projeto atinge pessoas de todas as idades e não necessariamente ligadas ao chamado circuito artístico. Com o intuito de refletir questões cotidianas, desacomodar o pensamento e despertar curiosidades são levadas proposições que exploram trabalhos de artistas contemporâneos que investigam o fazer cotidiano como disparador de seus processos de criação e ação artísticas.

Palavras-chave: Cotidiano; Arte e vida; Criação artística.

Introdução

A arte faz parte da vida e com ela se mistura. Quando vivenciamos arte então? Pode-se dizer, sempre, pois a arte é o cotidiano, é a relação humana com seus dizeres, fazeres, pensares, é o construir social, cultural, político, econômico, moral, ético. “[...] Ela não se faz de forma isolada, está diretamente ligada ao contexto em que é produzida; [...] é o espelho da sociedade” (ZAGONEL, 2008, p. 37). No entanto, a arte quando pensada e discutida nessa dimensão parece não ser arte, pois por muito tempo ela tem sido mais conhecida pelo viés da pintura, do desenho, da escultura... Mas a arte não se limita apenas a estes fragmentos. A arte é um espectro infinito de possibilidades que propõe conhecimentos, que coloca as pessoas diante delas mesmas, com suas bagagens existenciais, de ordem material objetiva e subjetiva.

Entre o que arte possibilita, ganha relevância o ato de se tomar distância do comum, do que é palpável, do que está posto. Sejam discursos, objetos, pensamentos, comportamentos que pretendem ser verdadeiros. Talvez por não se proporcionar tempo e espaço para se pensar sobre pretensas “verdades”, não é

visto como alguma coisa que possa ser reflexiva, no sentido de falar sobre, questionar-se como, onde, quem assim estabeleceu certas “verdades”. Nisso pode estar um jeito diferente de pensar a arte e uma de suas marcas.

Nessa perspectiva, questionamentos despontam: é possível outro(s)olhar(res) sobre a arte? Qual(is)olhar(res), como construir esse(s) olhar(res)? Desmistificar o senso comum do que é ou não é arte. Deparar-se com a arte pode ser a maneira despretensiosa presente em suas dimensões que apontam para a existência, dúvidas e provocações. Uma maneira que se mostra original e ao mesmo tempo profunda por trazer à tona reflexões, sentidos, sentimentos, impressões, memórias e imagens tão próximas daquilo que se tem contato cotidianamente; o que se vivencia todos os dias e que serve como construção identitária (HALL, 2005).

Partindo disso, entra-se em sintonia com a visão de arte de Joseph Beuys e Kurt Schwitters, discutida por Tessler (1996). Dois artistas que imbricam seus trabalhos artísticos e a vida. A vida é a sua própria arte. E a arte sua vida ou a vida. Isso se torna mais compreensível quando Tessler (1996) traz uma descrição de como se pode pensar Beuys: "aquele que desejou ampliar o conceito de arte, distanciando-se de preconceitos e utilizando-se de toda sorte de materiais disponíveis no universo cotidiano para a configuração de algumas de suas ideias" (TESSLER, 1996, p. 59). A partir dessa ampliação do conceito de arte desejado por Beuys, pensa-se, ainda, que há possibilidade de incluir elementos que dizem respeito à vida como parte de materiais do universo do cotidiano na construção de ideias, na constituição de uma produção artística. Assim, permite-se o olhar diante de objetos, fatos, pensamentos, imagens, memórias, a reflexão que tal ação provoca para, dessa forma, transformar-se em arte. Tomando o fio arte numa amálgama com a vida, vê-se a junção do pensamento de Kurt Schwitters que Tessler (1996) sinaliza numa direção semelhante à visão de Beuys. Este artista tem a arte também como o que é e faz parte da vida. O que está ao redor, a paisagem, as ruas, os prédios, o movimento urbano, tudo isso entra na arte de Schwitters, misturam-se com a leitura

do olhar sensível, descobrindo uma expressão de arte visível, seja num objeto, numa palavra ou numa circunstância. "Para ele, tudo deve se inscrever nesse processo de criação, sob a fórmula: arte = vida = arte" (TESSLER, 1996, p. 62).

Este entrelaçamento vida e arte, arte e vida está entre as possibilidades de como se pode perceber o papel da arte na vida das pessoas, no cotidiano, na sociedade, mostrando-se como forma de construção/aquisição de conhecimento. Ficar diante do que é visto e por meio do exercício de pensar e transformá-lo em arte tem-se um processo de criação artística, logo, tem-se conhecimento. E a arte é “uma importante fonte de conhecimento” (ZAGONEL, 2008, p. 38). Um conhecer-se como pessoa e um conhecer o contexto em que se está inserido.

Nesse viés, pensa-se que o conhecimento perpassa uma experimentação estética. A estética que “faz uma reflexão sobre a arte a partir de uma experiência vivida” (ZAGONEL, 2008, p. 43). Esta que pode ser constituída por meio de relações sociais, tais como encontros em que o motivo seja falar da vida, da arte, da arte que é a vida. E assim, pensou-se o Projeto Chá de Arte iniciado no ano de 2015.

O cotidiano em/na arte

O Chá de Arte é um projeto realizado semestralmente com o propósito de atingir pessoas de todas as idades e que não estejam necessariamente ligadas ao chamado circuito artístico. Com o intuito de refletir questões cotidianas, desacomodar o pensamento e despertar curiosidades exploram-se trabalhos de artistas contemporâneos que investigam o fazer cotidiano como disparador de seus processos de criação e ação artísticas. Dessa forma, o Chá de Arte se mostra um espaço e tempo que possibilita ampliar o olhar dos participantes, entendendo arte e vida de forma indissociável, utilizando-se de referenciais artísticos interligados a um tema previamente selecionado.

As temáticas são utilizadas como disparadores de questões para serem refletidas, buscando articulação entre as linguagens artísticas da Música, das Artes Visuais, da Literatura e outras.

Além de músicas, textos e imagens utilizadas como disparadores de ideias, ações práticas são propostas com o objetivo de refletir fazeres cotidianos, propondo um olhar atento e sensível às práticas automatizadas no dia a dia.

O Projeto Chá de Arte, a Música e Artes Visuais em diálogo com diferentes linguagens artísticas, surge como uma proposta de discussão e reflexão sobre diversidade cultural. Daí as temáticas que abrangem diferenças de gênero, étnico-raciais, religiosas, sociais e culturais que falam do cotidiano, da vida de cada um/a e de todas as pessoas. Contar, expor, relatar, trocar palavras para dizer o que e como se vive ganha uma configuração sem forma visível, tátil; a vida, assim, revela-se num nível subjetivo, porém, pode resultar em prática concreta. Aquela do falar de si e do escutar o outro. O que, de certa forma, aumenta a percepção do que é olhar para si e para o outro, maior compreensão do que significam as diferenças e uma visão de mundo mais ampla distanciando-se de ideias que se pretendem fixas.

Nessa perspectiva, o Projeto Chá de Arte, através da junção de ações práticas com um tema, cria uma atmosfera de expressividade em que olhares distintos sobre a discussão proposta constituem-se numa interpretação, ao mesmo tempo, singular e plural, entendendo-se uma aproximação daquilo que traz Foucault (1992) sobre a escrita de si. Um momento em que se fica diante de alguém e se é instigado a falar de si/escrever algo, criar uma obra. A proposta pode gerar receio, incerteza, dúvida, pois dá vistas ao que está em cada um como ser cultural. A esfera confortável desestabiliza-se. Talvez pelo fato das pessoas se verem frente a uma temática provocativa e geradora de tensão por diferentes razões ou por perceberem-se distante de uma dimensão que permita olhar o que conduz o movimento humano. Ambas as circunstâncias convergem a um pensar sentidos para o viver.

Considerações Finais

Ver-se e ver o outro na sua forma de estar no mundo, conhecer mais o contexto em que se está inserido, como proposto no Chá de Arte é perceber-se parte de um todo que se mostra ora mais tenso, ora mais propenso ao campo do possível, abrindo possibilidades de compreensão das relações humanas em suas diferenças culturais, por meio da construção de conhecimento, do pensamento e das perspectivas de transformação dos contextos humanos.

Referências

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992, p.129-160.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

TESSLER, Elida. Formas e formulações possíveis entre a arte e a vida: Joseph Beuys e Kurt Schwitters*. Porto Arte.* Porto Alegre, v. 7, n. 11, p. 57-67, mai. 1996.

ZAGONEL, Bernadete. *Artes na educação escolar.* Curitiba: Ibpex, 2008.